REVISTA CIENTÍFICA ACADÊMICOS PENTECOSTAIS

Associação de Pesquisa, Estudos e Diálogos

Publicação periódica de divulgação acadêmica e científica

IDENTIFICAÇÃO DA PUBLICAÇÃO

Mantenedora	Acadêmicos Publicações — CNPJ 66.494.296/0001-52
Natureza	Publicação periódica científica de acesso aberto
Periodicidade	Fluxo contínuo
Área do conhecimento	Ciências da Religião e Teologia
Edição	v. 1, n. 3 (2026)
Local	Jequié, Bahia, Brasil
Sítio eletrônico	https://www.academicospentecostais.com/
Instagram	@academicos_pentecostais
Contato	contato@academicospentecostais.com
Repositório	Os artigos são depositados, preservados e recebem DOI no repositório científico ZENODO: Comunidade Acadêmicos Pentecostais no ZENODO

MISSÃO E ESCOPO

A Acadêmicos Pentecostais é uma publicação periódica de divulgação acadêmica e científica dedicada ao estudo do pentecostalismo e do movimento carismático em suas dimensões histórica, teológica, missional, social e pastoral. O periódico reúne artigos, resenhas, estudos e reflexões que articulam rigor de pesquisa com a vida da igreja, da sociedade e da comunidade científica, contribuindo para o diálogo entre a esfera acadêmica e a comunidade eclesial.

FICHA DO ARTIGO

Título	O nabiísmo e os fenômenos carismáticos: uma análise das semelhanças entre o êxtase e a glossolalia no profetismo do antigo Israel
Autoria	Alessandro Barreto da Silva
Categoria	Artigo
DOI	https://doi.org/10.5281/zenodo.24211356
Licença	Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0) https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt-br

COMO CITAR ESTE ARTIGO

SILVA, Alessandro Barreto da. O nabiísmo e os fenômenos carismáticos: uma análise das semelhanças entre o êxtase e a glossolalia no profetismo do antigo Israel. *Revista Científica Acadêmicos Pentecostais*, Jequié, v. 1, n. 3, 2026. DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.24211356.

DIREITOS DE USO

É permitido compartilhar, redistribuir, adaptar e construir sobre este material, em qualquer suporte ou formato, desde que seja atribuído o devido crédito ao autor e à publicação original, com indicação do DOI e do link da licença, e que se informe se houve alteração. Não é permitido o uso comercial do material. O autor retém integralmente os direitos autorais; à publicação é concedida licença não exclusiva de publicação e de manutenção do conteúdo em seu acervo digital.

CONSELHO CIENTÍFICO

Prof. Anderson Macedo de Oliveira
Editor-chefe e presidente da Acadêmicos Pentecostais e do conselho científico
Doutor em Teologia. Universidade Cesumar · Centro Internacional de Pesquisa Integralize · UniChristian International University · Unicive.
ORCID · Currículo Lattes · @prandersonmacedo

Prof. Pedro Henrique Cavalcante de Medeiros
Doutor em História. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) · FAECAD · UNIADB · FAPERJ.
ORCID · Currículo Lattes · @prof.pedrohenriquemedeiros

Prof. Rafael Assiz da Silva Alves
Mestre em Ciências da Religião. Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) · FABAPAR · Universidade Cesumar · SETEQUE.
ORCID · Currículo Lattes · @rafaelassiz

Prof. Vinícius Oliveira Tropiano de Barros
Doutorando em História do Cristianismo. FACITE · UNIMINAS · UNYLEYA.
ORCID · Currículo Lattes · @profvinitropiano

Prof. Ediudson da Silva Fontes
Mestrando em Teologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) · Faculdade Kennedy · Faculdade de Teologia Integrada · Faculdade da Assembleia de Deus no Brasil.
ORCID · Currículo Lattes · @ediudsonfontes

Prof. André Luís de Souza Carvalho
Mestrando em Teologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) · UNIGRANRIO · FAETEO.
ORCID · Currículo Lattes · @andreluismestre

APOIO INSTITUCIONAL

Faculdade Brasileira Cristã (FBC)
Perfil institucional · @faculdadefbc

Revista Científica Doxia — Faculdade Brasileira Cristã
faculdadebrasileiracrista.edu.br/revista

Editora Efraim
Perfil institucional · @efraimeditora

HOSPEDAGEM E PRESERVAÇÃO DIGITAL

Os artigos publicados pela Revista Científica Acadêmicos Pentecostais são depositados, preservados e identificados por DOI no repositório científico ZENODO, mantido pelo CERN e pela OpenAIRE, na comunidade Acadêmicos Pentecostais: https://zenodo.org/communities/academicospentecostais/records

As opiniões e os conteúdos expressos nos artigos são de inteira responsabilidade de seus autores e não representam necessariamente a posição da Revista Científica Acadêmicos Pentecostais, de sua mantenedora ou de suas instituições de apoio.
Publicação de acesso aberto. O conteúdo está disponível gratuitamente, sem taxas de submissão, de processamento ou de leitura.

O NABIÍSMO E OS FENÔMENOS CARISMÁTICOS: Uma Análise das Semelhanças Entre o Êxtase e a Glossolalia no Profetismo do Antigo Israel

NABIISM AND CHARISMATIC PHENOMENA: An Analysis of the Similarities Between Ecstasy and Glossolalia in Ancient Israelite Prophecy

Alessandro Barreto da Silva [1]

DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.24211356

RESUMO

O presente estudo analisa a relação entre o profetismo e o nabiísmo no Israel antigo, destacando sua importância para a compreensão da experiência religiosa no Antigo Testamento. Inicialmente, discute-se a origem e a definição do nabiísmo, identificando-o como um movimento profético central na vida comunitária de Israel. Em seguida, são apresentadas suas características fundamentais, como a inspiração divina, a mediação entre Deus e o povo e a função social e cultual dos profetas. A pesquisa também aborda o fenômeno do êxtase no nabiísmo, destacando suas semelhanças com a glossolalia e permitindo estabelecer paralelos com experiências carismáticas posteriores. Por fim, examina-se a presença e a função do nabiísmo no culto israelita, evidenciando como a prática profética contribuiu para a formação da espiritualidade e da liturgia do povo de Deus. Assim, o estudo oferece contribuições para a compreensão das manifestações extáticas dos *nāvîim*, incluindo êxtase, movimentos corporais e fala inspirada, estabelecendo analogias de natureza fenomenológica e pneumatológica com a glossolalia do Novo Testamento, sem pressupor identidade entre essas práticas. Analisa-se, ainda, a função carismática dessas manifestações como meio de comunicação da revelação divina, bem como seus aspectos teológicos e espirituais no contexto do profetismo primitivo.

Palavras-chave: Nabiísmo; Profecia; Êxtase; Transe; Dons espirituais.

ABSTRACT

This study analyzes the relationship between prophetism and nabiism in ancient Israel, highlighting its significance for understanding religious experience in the Old Testament. Initially, it discusses the origin and definition of nabiism, identifying it as a prophetic movement central to Israel's communal life. It then presents its fundamental characteristics, such as divine inspiration, mediation between God and the people, and the social and cultic functions of the prophets. The research also addresses the phenomenon of ecstasy in nabiism, highlighting its similarities to glossolalia and establishing parallels with later charismatic experiences. Finally, it examines the presence and function of nabiism in Israelite worship, demonstrating how

[1] Mestre em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Bacharel em Teologia pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Graduado em Filosofia pela Faculdade Santa Fé (FSC). Especialista em Teologia pela UCAM, em Ciências da Religião pela FATIN e em Docência do Ensino Superior pela UniCV. Ministro do Evangelho na Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Pernambuco (IEADPE). Professor de Teologia Sistemática, Bíblica e Histórica, Hebraico e Grego. ORCID: https://orcid.org/0009-0007-6577-1083. Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/6973582073388548. E-mail: alessandrobarreto.ieadpe@gmail.com.

prophetic practice contributed to the formation of the spirituality and liturgy of God's people. Thus, this study contributes to the understanding of the ecstatic manifestations of the *nāvîim*, including ecstasy, bodily movements, and inspired speech, establishing phenomenological and pneumatological analogies with New Testament glossolalia, without presupposing an identity between these practices. It also analyzes the charismatic function of these manifestations as a means of communicating divine revelation, as well as their theological and spiritual dimensions within the context of early prophetism.

Keywords: Nabiism; Prophecy; Ecstasy; Trance; Spiritual Gifts.

1 INTRODUÇÃO

O profetismo constituiu um dos fenômenos mais significativos da experiência religiosa do antigo Israel, exercendo importante papel na comunicação da vontade divina, na orientação espiritual do povo e na preservação da aliança estabelecida entre Deus e Israel. Nesse contexto, destaca-se o nabiísmo,[2] entendido como uma expressão do movimento profético israelita, cujas manifestações apresentam características particulares de inspiração, mediação religiosa e experiências carismáticas. A compreensão desse fenômeno exige a análise de suas raízes históricas, de suas expressões religiosas e de suas manifestações extáticas, especialmente aquelas relacionadas à atuação do Espírito de Deus.

A terminologia hebraica nāḇî’ (נָבִיא), geralmente traduzida como “profeta”, designa uma figura associada à atividade profética e à comunicação de uma mensagem atribuída à divindade. A discussão sobre sua origem etimológica permanece complexa; por isso, neste estudo, o termo é empregado prioritariamente em seu uso contextual, sem pressupor uma etimologia única. O profetismo do antigo Israel não se restringia à transmissão de mensagens, pois algumas narrativas também descrevem experiências coletivas, movimentos corporais e manifestações associadas à atuação do Espírito de Deus. Entre os textos relevantes estão 1 Samuel 10.5–13 e 1 Samuel 19.20–24, cuja interpretação exige atenção ao contexto narrativo e às particularidades de cada episódio. Em especial, o desnudamento e a prostração de Saul, narrados em 1 Samuel 19.20–24, devem ser compreendidos como manifestações extraordinárias da intervenção divina, caracterizadas pelo juízo e pela contenção de um rei rebelde, e não como expressão de um padrão normativo ou necessariamente abençoado de êxtase profético. Essa distinção é

[2] Sobre o nabiísmo, recomenda-se a leitura da seguinte obra: BARRETO, Alessandro. *Protopentecoste: ações do Espírito Santo no Antigo Testamento.* 1. ed. Recife, PE: Editora Bereia, 2024.

fundamental para evitar a generalização de fenômenos narrativamente distintos e preservar a especificidade teológica de cada passagem.[3]

A relevância desta pesquisa está na possibilidade de estabelecer um diálogo comparativo entre manifestações carismáticas descritas no Antigo Testamento e fenômenos apresentados no Novo Testamento, especialmente a glossolalia. Embora pertençam a contextos históricos, literários e teológicos distintos, determinadas características formais, como a experiência religiosa intensa, a expressão verbal não ordinária e a atribuição da manifestação à ação divina, permitem uma comparação delimitada. Essa aproximação não significa afirmar que os fenômenos sejam idênticos, nem que exista uma relação histórica direta entre eles; busca-se identificar analogias fenomenológicas e funcionais, preservando as diferenças de significado e finalidade em cada contexto. Diante dessa problemática, formula-se a seguinte questão de pesquisa: Em que medida as manifestações extáticas presentes no nabiísmo do antigo Israel apresentam semelhanças fenomenológicas com a glossolalia descrita no Novo Testamento, considerando suas dimensões carismáticas, religiosas e teológicas?

O objetivo geral deste estudo consiste em analisar as manifestações extáticas presentes no nabiísmo do antigo Israel, investigando suas possíveis semelhanças fenomenológicas com a glossolalia descrita no Novo Testamento. Como objetivos específicos, pretende-se: a) apresentar a origem e as características fundamentais do nabiísmo no contexto religioso de Israel; b) identificar as manifestações extáticas descritas nas narrativas proféticas do Antigo Testamento; c) examinar as características da glossolalia no contexto neotestamentário, especialmente em 1 Coríntios 12–14; e d) estabelecer uma análise comparativa entre esses fenômenos, considerando suas aproximações e diferenças históricas, religiosas e teológicas.

Parte-se da hipótese de que determinadas manifestações presentes no nabiísmo do antigo Israel apresentam semelhanças fenomenológicas com a glossolalia neotestamentária, sobretudo no que diz respeito à dimensão carismática e às experiências religiosas extraordinárias associadas à atuação divina. Entretanto, considera-se que essas aproximações não autorizam a identificação absoluta entre os fenômenos, uma vez que cada manifestação deve ser compreendida a partir de seu próprio contexto histórico, literário e teológico.

Metodologicamente, a pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, de abordagem qualitativa e orientação histórico-teológica, desenvolvida mediante consulta a livros físicos e ao acervo da biblioteca pessoal do pesquisador. O levantamento bibliográfico foi realizado entre

[3] Ver: WILSON, Robert R. Profecia e Sociedade no Antigo Israel. [Tradução de João Rezende Costa]. 2ª ed. rev. São Paulo: Targumim; Paulus, 1987.

2024 e 2026 e reuniu obras relacionadas ao profetismo do antigo Israel, ao nabiísmo, às manifestações extáticas, à pneumatologia e aos fenômenos carismáticos. O corpus de consulta foi organizado a partir dos descritores “nabiísmo”, “profetismo”, “êxtase profético”, “glossolalia”, “Espírito de Deus” e “fenômenos carismáticos”. Por se tratar de levantamento bibliográfico centrado em acervo físico e pessoal, não se atribui à pesquisa um protocolo de busca sistemática em bases eletrônicas. Como critérios de inclusão, foram consideradas obras com pertinência temática e contribuição para a compreensão histórica, bíblica e teológica do objeto; foram excluídas publicações sem relação direta com a problemática e os objetivos da investigação. O número de obras efetivamente mobilizadas no texto deverá corresponder ao conjunto de referências e materiais consultados, distinguindo-se obras lidas, obras citadas diretamente e fontes mencionadas apenas por citação indireta.

A investigação também contempla a análise de textos bíblicos, utilizando como referência a tradução Almeida Revista e Corrigida (ARC), publicada pela Sociedade Bíblica do Brasil. As passagens são examinadas considerando seus contextos literários, históricos e teológicos. Os termos hebraicos e gregos são apresentados em transliteração e empregados para esclarecimento terminológico, com apoio de traduções e discussões bibliográficas publicadas. Não se pretende oferecer tradução própria dos textos originais nem realizar, como procedimento sistemático, uma colação independente de manuscritos ou uma análise direta de edições críticas. Quando se menciona uma variante textual, sua apresentação é atribuída à fonte secundária consultada e não deve ser entendida como resultado de verificação autônoma do aparato crítico.

O desenvolvimento da pesquisa está organizado em seções que abordam, inicialmente, as características fundamentais do nabiísmo, considerando sua formação e suas expressões no contexto do antigo Israel. Posteriormente, são examinadas as manifestações extáticas relacionadas ao movimento profético, com atenção especial às narrativas bíblicas que descrevem experiências carismáticas. Em seguida, a discussão estabelece uma aproximação com a glossolalia apresentada no Novo Testamento, buscando identificar semelhanças e diferenças entre os fenômenos. Por fim, as considerações finais retomam a questão de pesquisa e apresentam os resultados alcançados, respeitando os limites históricos e teológicos da investigação.

2 CARACTERÍSTICAS FUNDAMENTAIS DO NABIÍSMO

Eichrodt observa que as interpretações do fenômeno profético primitivo são divergentes: enquanto alguns o compreendem como manifestação de “entusiasmo pagão”,

outros reconhecem nele a expressão de forças religiosas fundamentais. Ao discutir a formação do movimento, o autor afirma:

> Quando a liderança carismática desorganizada da nação [de Israel], começou a dar lugar a outra [organizada], na qual, homens de dignidade principesca e real teriam a confirmação de sua posição por um método de eleição e por acordo com os anciãos do povo, surgiu entre os carismáticos religiosos um novo fenômeno, que em seguida atraiu a atenção e suscitou tanta crítica quanto entusiasmo, o profetismo primitivo ou nabiísmo (Eichrodt, 2004, p. 275).

Ao tratar do êxtase coletivo no nabiísmo, Eichrodt (2004, p. 292) interpreta o movimento como uma reação da fé javista ao processo de cananização da religião israelita. Em sua leitura, a comoção religiosa coletiva conferiu ao profetismo primitivo intensidade e alcance distintos daqueles associados à atuação de figuras proféticas isoladas. Essa é uma interpretação histórico-teológica do autor e deve ser compreendida no horizonte de sua reconstrução do antigo Israel. Para Eichrodt (2004, p. 296), a força e a peculiaridade do movimento profético apoiavam-se em seu caráter carismático e na experiência do poder divino. O autor entende que essa dinâmica podia contestar formas de institucionalização que, em sua avaliação, tendiam a reduzir a relação com Deus a cargos, costumes e autoridades estabelecidas.

Nessa mesma linha de pensamento, tratando sobre o "caráter religioso" do fenômeno nabiísta, Eichrodt (2004, p. 278, 279), diz que ao se ter consciência dos elementos fundamentais do antigo profetismo [nabiísmo], surge uma nova luz para algumas discussões anteriores. Assim a vinculação radical do êxtase profético com o culto israelita regular demonstra que a questão, tantas vezes ventilada, de que isso se trata apenas de um elemento cananeu, estranho ao javísmo,[4] introduzido na religião israelita, parte de um isolamento errôneo do fenômeno. Não se trata de um fenômeno comum exclusivamente ao círculo cultural da Síria, Ásia Menor e Israel, que tivesse de ser explicado como empréstimo, mas como um fenômeno da dança cultual que se acha nos mais diferentes círculos culturais, independentes uns dos outros.

Evidentemente, o que se expressa para Eichrodt (2004, p. 279) é que o êxtase figura, pois, entre os elementos fundamentais do culto e somente precisa de certos estímulos para que se produza. Nem se trata de um elemento próprio do culto naturalista, nem de um elemento característico do javismo; é uma expressão primária do sentimento religioso, cuja significação

[4] O termo javísmo (derivado de Javé, forma aportuguesada do tetragrama hebraico YHWH) designa a religião ou tradição de fé israelita centrada na adoração exclusiva de Javé, o Deus de Israel. A expressão é utilizada em estudos histórico-religiosos para caracterizar a identidade religiosa israelita e o desenvolvimento de suas tradições de culto, distinguindo-se de práticas politeístas e cultos a outras divindades presentes no contexto do antigo Oriente Próximo. No contexto deste estudo, o termo refere-se especificamente à tradição religiosa israelita fundamentada no culto a Javé. Ver: ROSA, Luiz da. De Baal a Yhwh: ensaio sobre a religião de Israel. Revista Eclesiástica Brasileira, Petrópolis, v. 63, n. 249, p. 47–66, 2003. DOI: https://doi.org/10.29386/reb.v63i249.1829.

depende das peculiaridades de cada marco religioso concreto em que se produz. Por isso, não se pode submetê-lo a um juízo de valor indiferenciado, encaixando-o em um dos binômios conhecidos: primeiro o físico-moral e segundo o psíquico-espiritual etc. Seu papel se deve interpretar no conjunto da relação com Deus, que pode ser extraordinariamente diferente e, assim, decisiva na hora de julgar. Eichrodt, ainda lembra que: "jamais se deveria esquecer a concepção que tem o antigo Israel do *rûah 'ĕlôhîm* [Espírito Santo], que aparece nos *nāvîim* [profetas] como sua força inspiradora" (Eichrodt, 2004, p. 281, grifo nosso).

Ainda em tom de defesa do êxtase entre os *nāvîim*, Eichrodt nos presenteia com as seguintes palavras:

> […] na religião javísta, o êxtase não foi considerado como um corpo estranho e molesto, mas como um novo impulso da parte de Deus. […] E nenhum dos profetas em seus conflitos com as associações proféticas de sua época, ousou anatematizar [amaldiçoar] o êxtase, como fizeram, por exemplo, com o culto sacrifical, como uma degeneração cananeia que nada tivera a ver com a verdadeira essência de Yahweh (2004, p. 281).

Eichrodt (2004, p. 282) acertadamente afirma que a atividade dos *nāvîim* permite conclusões importantes sobre a postura das associações [ou comunidades] proféticas, nos dias difíceis da opressão filisteia. Portanto, se deve admitir que a aparição do êxtase de grupo, precisamente nessa época difícil, não é uma causalidade, mas se deve a uma lógica interna dos acontecimentos. Na interpretação de Eichrodt, o caráter extático do movimento não implica necessariamente a anulação da consciência do profeta. O autor procura distinguir a experiência profética israelita de formas de transe descritas em outros contextos religiosos, ressaltando a dependência do profeta em relação a Yahweh. Essa distinção, entretanto, deve ser apresentada como uma interpretação teológica e histórico-religiosa, e não como uma descrição psicológica universal aplicável a toda experiência extática.

Desse modo, se por um lado acentua-se a autonomia do poder que opera o êxtase, por outra sua clara diferenciação de Yahweh contribui para manter vivo, até nos casos de uma possessão do poder divino com referências físicas, o sentimento de distância entre Deus e o homem. A comparação com a profecia grega, de aspectos semelhantes, manifesta as coincidências e as diferenças (2004, p. 284). Ele avança, ao dizer: "E aqui reside também a diferença mais profunda entre o nabiísmo e os agoureiros […]. Certamente resta encontrar um paralelismo entre os nāvîim israelitas, que anuncia seu 'devar YHWH' [Assim diz o Senhor], e o vidente de Apolo".

À luz da interpretação de Eichrodt, o antigo movimento profético [nabiísmo] esteve profundamente marcado pelas particularidades históricas e religiosas de Israel. Embora possam

ser identificadas semelhanças externas entre algumas manifestações israelitas e fenômenos extáticos de outros contextos culturais, o autor enfatiza diferenças relacionadas à concepção de Deus, à finalidade da experiência e à função da palavra profética. Essa distinção, contudo, não elimina a possibilidade de uma comparação histórico-religiosa; antes, exige que ela considere tanto os aspectos formais quanto os contextos específicos em que cada manifestação ocorreu.

Por essa razão, Eichrodt rejeita a interpretação que reduz o profetismo antigo a um misticismo desprovido de motivação ética. Sua advertência é metodologicamente relevante: comparações entre o nabiísmo israelita e fenômenos de outras religiões precisam considerar não apenas semelhanças formais, mas também os contextos, as funções e os conteúdos religiosos de cada manifestação.

A partir dessa leitura, o dinamismo coletivo dos *nāvîim* deve ser compreendido em relação à história religiosa de Israel. Ainda que algumas práticas apresentem paralelos formais em outros ambientes culturais, sua interpretação não pode ser separada da tradição javista, da função comunitária dos grupos proféticos e da mensagem que os relatos atribuem a YAHWEH.

3 O ÊXTASE NO NABIÍSMO NO ANTIGO ISRAEL E AS SEMELHANÇAS DA GLOSSOLALIA

Na perspectiva teológica pentecostal adotada neste estudo, é possível distinguir êxtase de transe, desde que se reconheça que esses termos possuem usos variados na literatura acadêmica. O êxtase é aqui empregado para designar uma experiência religiosa intensa, atribuída à ação divina, que não implica necessariamente perda da consciência ou do autocontrole.[5] O termo “transe”, por sua vez, aparece em parte da literatura antropológica e psicológica para descrever estados nos quais podem ocorrer alterações da consciência, da percepção e do comportamento voluntário. Essa distinção é operacional para a análise, não uma classificação universal de todas as experiências religiosas (Menzies, 2018, p. 59; Horton, 2007, p. 469).

Para evitar a sobreposição de categorias, este estudo distingue cinco dimensões relacionadas, mas não idênticas. A profecia extática designa, neste contexto, a atividade

[5] O autocontrole, enquanto dimensão da vida espiritual, encontra fundamentação bíblica explícita em Gálatas 5.23, no qual o apóstolo Paulo apresenta a egkráteia (ἐγκράτεια), traduzida como “domínio próprio”, entre as características do fruto do Espírito. O termo expressa a capacidade de exercer controle sobre os próprios impulsos e comportamentos, evidenciando que as manifestações da atuação do Espírito Santo não devem ser compreendidas como ausência de autocontrole, mas em harmonia com a disciplina e o domínio próprio produzidos pela ação divina na vida do indivíduo.

profética acompanhada por intensa experiência religiosa; as expressões corporais correspondem a movimentos ou gestos descritos nas narrativas; a fala inspirada refere-se à comunicação verbal atribuída à ação divina; a glossolalia é examinada conforme sua apresentação nas comunidades cristãs do Novo Testamento; e a profecia cristã abrange a comunicação de uma mensagem entendida como proveniente do Espírito, sujeita à ordem e ao discernimento comunitário. A comparação proposta concentra-se em possíveis semelhanças fenomenológicas e carismáticas, sem presumir que essas categorias tenham o mesmo significado, funcionamento ou finalidade em todos os períodos bíblicos.

Para tornar a comparação mais precisa, adotam-se quatro dimensões analíticas. Elas não constituem categorias nativas idênticas nos dois testamentos, mas instrumentos contemporâneos de leitura, aplicados com cautela aos textos bíblicos e à bibliografia consultada.

3.1 Dimensão fenomenológica

A dimensão fenomenológica considera a forma pela qual a experiência é narrada: intensidade emocional, movimentos corporais, fala não ordinária, participação coletiva e percepção de uma ação que ultrapassa a iniciativa individual. Em 1 Samuel 10.5–13 e 19.20–24, a narrativa associa grupos proféticos à profecia e a comportamentos extraordinários; em Atos 2.1–13 e 1 Coríntios 12–14, a glossolalia aparece em contextos de manifestação carismática cristã. A aproximação possível reside na presença de experiências religiosas extraordinárias e de expressões verbais relacionadas à ação divina. A diferença decisiva é que os relatos não descrevem necessariamente a mesma forma de fala nem autorizam concluir que a profecia dos grupos de Samuel fosse glossolalia no sentido neotestamentário.

3.2 Dimensão pneumatológica

A dimensão pneumatológica examina a atribuição da experiência à ação do Espírito de Deus. Na tradição veterotestamentária, textos como Números 11.24–29 e 1 Samuel 10.6,10 relacionam a atividade profética à atuação do Espírito. No Novo Testamento, 1 Coríntios 12.4–11 apresenta os dons como manifestações do mesmo Espírito, enquanto 1 Coríntios 14 discute sua expressão e seu discernimento na comunidade. A semelhança, portanto, está na compreensão teológica de que a capacidade carismática não tem sua origem última no indivíduo. Não se deve, contudo, transportar automaticamente para o nabiísmo todas as formulações paulinas sobre os dons, pois elas pertencem a uma comunidade e a uma situação histórica específicas.

3.3 Dimensão comunicativa

A dimensão comunicativa pergunta o que é comunicado, a quem se dirige a manifestação e como ela é compreendida. Nas narrativas do nabiísmo, a profecia está vinculada à palavra atribuída a Yahweh e à função do profeta como mediador; em 1 Coríntios 12–14, Paulo distingue a fala em línguas da profecia e discute interpretação, edificação e inteligibilidade. Essa distinção é fundamental: ainda que ambas possam ser descritas como manifestações verbais carismáticas, a glossolalia não deve ser simplesmente equiparada ao anúncio profético. Em 1 Coríntios 14.2–5, 13–19 e 27–28, a questão da interpretação e da edificação comunitária ocupa lugar central, aspecto que não pode ser presumido a partir dos relatos de 1 Samuel.

3.4 Dimensão comunitária e litúrgica

A dimensão comunitária e litúrgica considera o ambiente no qual a manifestação ocorre e sua função para o grupo. Os relatos do Antigo Testamento associam os grupos proféticos a contextos coletivos, música, deslocamentos e práticas de culto, embora nem todos esses elementos estejam presentes em cada narrativa. Em 1 Coríntios 14, por sua vez, Paulo regula o exercício dos dons no encontro comunitário, subordinando a manifestação à edificação, à interpretação e à ordem. A aproximação possível está na inserção comunitária das experiências carismáticas; a diferença está nas formas concretas de organização e nos critérios normativos apresentados por cada corpus bíblico.

3.5 Síntese comparativa e limites da analogia

A comparação das quatro dimensões permite afirmar que o êxtase associado ao nabiísmo e a glossolalia neotestamentária podem ser aproximados quanto ao caráter extraordinário da experiência, à atribuição da manifestação à ação divina e à inserção em contextos comunitários. Entretanto, os dados examinados não demonstram identidade fenomenológica, continuidade histórica direta ou equivalência funcional. A profecia israelita está vinculada à comunicação da palavra de Yahweh em seu contexto histórico; a glossolalia, nas comunidades cristãs, é discutida por Paulo em relação aos dons, à interpretação e à edificação do corpo eclesial. Assim, a analogia é válida como comparação limitada, não como identificação dos fenômenos.

3.6 Diálogo entre abordagens teológicas e histórico-religiosas

A bibliografia mobilizada reúne perspectivas distintas, que não devem ser tratadas como se formassem um consenso. Eichrodt e Von Rad (1976) contribuem para a reconstrução

histórico-teológica do profetismo israelita; Formicki (2015) discute as categorias de profecia, glossolalia e entusiasmo carismático a partir de uma abordagem exegética e histórico-religiosa; Tillich oferece uma reflexão teológica sobre a razão extática; e autores pentecostais como Menzies, Horton, Soares e Siqueira interpretam as manifestações carismáticas a partir de pressupostos confessionais próprios. O diálogo entre essas perspectivas é produtivo quando suas diferenças metodológicas são explicitadas.

A discussão de Samarin, tal como apresentada por Siqueira (2018, p. 113), deve ser reconhecida como citação indireta: o presente artigo não consulta nem reexamina diretamente a tese do linguista. Por isso, não se atribui a Samarin uma conclusão além daquela relatada pela fonte secundária. Do mesmo modo, resultados de estudos empíricos mencionados por Siqueira são apresentados como relatos bibliográficos, e não como dados produzidos ou reavaliados nesta pesquisa. Essa distinção evita transformar uma revisão teológica em afirmação empírica independente.

Stamps (1995, p. 1757) chega a dizer que: “Quem fala em línguas pelo Espírito, nunca fica em transe ou fora de controle”. Segundo Soares “Não houve, portanto, nos profetas hebreus auto-estimulação. Nenhum deles tomou a iniciativa para obter revelação e nem há indicação de que algum deles tenha perdido o controle das faculdades mentais e racionais. Havia, sim, de fato, o fator externo à razão humana e superior a ela” (Soares, 2010, p. 48).

Formicki (2018, p. 52) apresenta uma distinção entre êxtase e transe recorrente em parte da literatura sobre religião: o transe pode envolver alterações da percepção e da atividade voluntária, enquanto o êxtase é empregado para descrever uma experiência intensa de comunicação com o divino. Como os termos variam conforme a disciplina e o autor, este artigo não os utiliza como categorias psicológicas rígidas, mas como distinções operacionais explicitadas no contexto da análise. Formicki (2018) também observa que experiências extáticas podem desempenhar funções de legitimação religiosa, ao conferir reconhecimento social a determinados mediadores. Essa observação recomenda cautela: a presença de uma manifestação extraordinária, por si só, não comprova sua origem divina nem a legitimidade de quem a reivindica. Nos textos bíblicos, a avaliação da experiência depende também de seu conteúdo, de sua relação com a tradição religiosa e de sua função comunitária.

> O estudo das religiões comparadas levou certos pesquisadores a conclusões equivocadas no que diz respeito à natureza da atividade profética. Esses estudiosos pretendem colocar os adivinhos, os xamãs e os místicos das diversas crenças antigas dos povos vizinhos de Israel no mesmo nível dos profetas bíblicos, *afirmando que os profetas hebreus profetizaram em estado de êxtase ou transe* […]. Porém, a comunicação divina aos profetas é sui generis e tratá-la como os demais parece ser uma grosseria (2010, p. 41, grifo nosso).

Algumas pessoas hesitam em usar a palavra “êxtase” por causa da possível conotação de comportamento frenético e descontrolado, uma expressão irracional e emocional, sem conteúdo intelectual. “O êxtase é um termo que melhor conota o júbilo emocional” (Williams, 2011, p. 706).

Neste estudo, a distinção entre êxtase e transe não é apresentada como consenso de toda a teologia ou da antropologia da religião. Trata-se de uma opção conceitual apoiada em autores citados, útil para examinar a relação entre experiência intensa, consciência e controle voluntário. A literatura consultada, contudo, demonstra que os termos podem receber definições diferentes; por isso, cada ocorrência deve ser interpretada segundo o referencial teórico empregado.

Soares (2010) critica interpretações naturalistas que reduzem a experiência profética a um fenômeno exclusivamente emocional e negam, de antemão, sua dimensão teológica. Para uma exposição academicamente equilibrada, é necessário distinguir a descrição histórico-religiosa de uma manifestação da avaliação sobre sua origem divina. A pesquisa adota uma leitura teológica pentecostal, mas reconhece que abordagens naturalistas e histórico-comparativas partem de pressupostos epistemológicos diferentes; a divergência deve ser discutida, e não simplesmente descartada por meio de um rótulo.

Alguns relatos bíblicos parecem mostrar alguém profetizando em estado de êxtase como Balaão: “[...] caindo em êxtase e de olhos abertos” (Nm 24.4,16). Entretanto, antes de mencionar um desses casos e sua respectiva ressalva, é importante destacar que o termo “êxtase” sequer aparece no Antigo Testamento com esse sentido. A ARC [Almeida Revista e Corrigida] emprega o termo, em itálico, para descrever o estado emocional de Balaão enquanto alçava a sua parábola (Nm 24.4,16).

Na tradução bíblica, o uso de itálico pode sinalizar, conforme os critérios editoriais da edição, palavras supridas para dar clareza à leitura em português. Portanto, a presença do termo “êxtase” em itálico na ARC não constitui, isoladamente, evidência de que exista um vocábulo hebraico correspondente com esse sentido no texto-fonte. Além disso, a classificação de Balaão exige cuidado: Números 24 descreve sua experiência oracular, enquanto Josué 13.22 o denomina adivinho. Esses dados devem ser considerados em conjunto, sem simplificar sua figura ou confundir a terminologia da tradução com a do texto hebraico.

> Semelhantemente, 1Coríntios 12.1-3 nos adverte a não perdermos o controle do corpo […]. Paulo conclama os coríntios a não se deixarem influenciar pelo passado pagão. Antes, perdiam o controle; como consequência, podiam dizer qualquer coisa e alegar

> que ela provinha do Espírito de Deus. O contexto bíblico dos dons não indica nenhuma perda de controle. Pelo contrário, à medida que o Espírito opera através de nós, temos mais controle do que nunca. Entregamos nosso corpo e mente a Deus como instrumentos a seu serviço […]. Por isso, o corpo, a mente e as atitudes ficam sendo instrumentos para a glória de Deus (2018, p. 469).

Segundo Pommerening: "[…] as línguas manifestam um estado de êxtase, mas com plena consciência de si; com sua racionalidade e afetos expandidos pela presença do Espírito. Isso não pode ser confundido com estados de transe, pois este aliena o ser humano de si mesmo" (2011, p. 16).

A interpretação de Samarin é apresentada neste artigo por meio da discussão de Siqueira (2018, p. 113), e não mediante consulta direta à tese original. Segundo essa fonte secundária, Samarin analisou a glossolalia com categorias psicológicas e linguísticas. Siqueira discorda de determinadas conclusões atribuídas ao pesquisador, especialmente da associação entre glossolalia e perda de controle. Para manter a precisão acadêmica, a divergência deve ser atribuída a seus respectivos autores, sem generalizar essa posição para todos os pesquisadores de orientação não pentecostal.

Siqueira (2018, p. 113) também relata uma observação atribuída a Makovii, realizada com 52 voluntários pentecostais, segundo a qual os participantes mantiveram consciência do ambiente e capacidade de interromper a manifestação glossolálica. Como o dado chega ao presente estudo por citação indireta, ele é mencionado como resultado relatado por Siqueira, não como pesquisa primária examinada pelo autor deste artigo. Além disso, uma amostra específica não autoriza generalizações sobre todas as experiências glossolálicas.

Siqueira (2018, p. 27) diferencia o êxtase do transe ao explicar que o primeiro, derivado do termo grego *ekstasis* "sair do lugar", consiste em uma experiência marcada por intensa emoção, que combina prazer e temor, na qual a mente permanece consciente, porém afastada do ambiente imediato, concentrando-se inteiramente na percepção da manifestação divina. Já o transe, associado ao latim *transire* "passar de um lugar a outro", corresponde a uma condição de perda de controle e suspensão da racionalidade, em que a intensificação emocional conduz a um estado de inconsciência e desordem interior.

Nessa linha de raciocínio, falando sobre o profetismo israelita e sobre o ponto de vista pentecostal a respeito do nabiísmo, Siqueira, ainda comenta que "na antiguidade, havia um grupo de jovens que falava em línguas, dançava, pulava e manifestava diversos movimentos corporais em êxtase" (2023, p. 33,34). E, prossegue, dizendo que a adoração era sincronizada e contagiante e quem chegava perto sentia e vivenciava o poder do Espírito Santo.

Assertivamente, os profetas carismáticos do “nabiísmo” eram cheios de dons espirituais (1Rs 13.11-32; 1Rs 20, 35-43) e em conformidade com esse pensar, o historiador Jesús Álvarez Gómez em sua obra “História de la vida religiosa vol. I” [História da Vida Religiosa vol. 1, tradução nossa], diz que os “*nāvîim*” eram verdadeiros adoradores e profetas carismáticos que se tornaram um corpo de “profetas levitas” (Gómez, 1987, p. 87-88). Von Rad (1996, p. 34) chega a dizer que o nabiísmo foi um “movimento forte enquanto se manifestou numa cultura nacionalista religiosa [de Israel]”.

Além disso, ele prossegue explicando o que a chamada escola de profetas representa a expressão mais significativa do movimento nabiísta, considerado o primeiro estágio do profetismo em Israel, também denominado, em termos técnicos, de profetismo primitivo. De natureza carismática, esse movimento foi marcado por manifestações extáticas, como discursos inspirados e expressões corporais, exercendo papel relevante na história israelita durante períodos de transição: da liderança de Moisés para os anciãos (Nm 11.1-35) e de Samuel para Saul (1Sm 10.1-16). Segundo Siqueira (2023, pp. 34,35), quando falamos sobre o profetismo primitivo dentro do mundo judaico, ou seja, no Antigo Testamento a profecia não é “apenas uma manifestação de fala; ela também envolve todo o corpo. É, por assim dizer, um fenômeno elocutivo (fala) e corporal (corpo)”.

A percepção do referido escritor, a profecia constitui a forma mais recorrente de manifestação do Espírito Santo na tradição hebraica, especialmente no contexto do nabiísmo. Os targuns, traduções e comentários aramaicos da Bíblia, redigidos no período do Segundo Templo (516 a.C.–70 d.C.), utilizam com frequência a expressão “espírito de profecia”. Esse fenômeno manifesta-se em diversos episódios bíblicos, como nos sonhos de José (Gn 41.38), na experiência de Moisés e dos anciãos (Nm 11.24-29) e na unção de Saul (1Sm 10.10), entre outros relatos.

Menzies (2016, p. 73), comenta sobre a questão do êxtase, dizendo que com o termo extático, quero dizer que pertence ou emana de uma experiência de intensa alegria. Com o termo, não desejo implicar perda de controle. Ainda que a glossolalia transcenda nossas faculdades de raciocínio, a experiência não as torna inúteis (1Co 14.28,32,33). A distinção entre êxtase e transe também é discutida por Formicki (2015), para quem a análise deve considerar a relação entre experiência religiosa, consciência e comportamento. Essa formulação é utilizada aqui como distinção de trabalho, sem pretender estabelecer uma definição universal dos dois termos.

Segundo Siqueira antes de tratar das teorias socioantropológicas a respeito do êxtase, deve-se lembrar que esse problema coloca ainda uma outra questão, a saber, a da natureza do profetismo israelita. É claro que, com essa perspectiva, não se pretende reduzir a profecia ao "êxtase". Quer-se apenas compreender que esse é um elemento que também caracteriza o fenômeno profético. Nesse mesmo sentido, o autor supracitado continua: "é o êxtase que demonstra, na prática, aos olhos dos espectadores, a ligação do profeta com a divindade, em outros termos, sua inspiração" (2023, p. 63).

Na teologia, como bem observa Tillich (2005, p. 124): "[…] o êxtase não é uma negação da razão; é um estado mental em que a razão está além de si mesma […]. A 'razão extática' continua sendo razão; ela não recebe nada irracional ou antirracional - o que não poderia fazer sem se autodestruir, mas transcende a condição básica da racionalidade finita".

Siqueira (2018, p. 105) reúne estudos que, segundo sua exposição, questionam a associação necessária entre glossolalia, transe e psicopatologia. Essa contribuição é relevante para o debate, mas deve ser lida como síntese apresentada pelo autor. Sem acesso e avaliação individual dos estudos empíricos originais, não é possível transformar essa síntese em afirmação conclusiva sobre todos os participantes ou contextos pentecostais.

Williams (2011, p. 541) interpreta a glossolalia como expressão espiritual cuja fonte, na compreensão teológica cristã, é atribuída ao Espírito Santo. O autor utiliza "extático" no sentido de uma experiência que ultrapassa a fala cotidiana, sem associá-la necessariamente à irracionalidade. Essa leitura oferece uma interpretação teológica do fenômeno; ela não substitui, contudo, a análise das funções distintas que Paulo atribui à profecia e às línguas em 1 Coríntios 12–14.

Williams (2011, p. 541) menciona diversos estudiosos que discutem o caráter extático presente nos relatos bíblicos. F. F. Bruce, por exemplo, entende as línguas no Pentecostes como expressões verbais produzidas em êxtase divino. Da mesma forma, a EGT descreve o falar em Cesareia como um "louvor jubiloso em estado extático" (At 10.46). Para Williams, os acontecimentos em Jerusalém revelam pessoas tomadas por um "êxtase espiritual", enquanto em Cesareia houve "exclamações extáticas de adoração" e, em Éfeso, uma "manifestação particular de expressão extática".

Siqueira (2018, p. 106), menciona que Kay e Francis investigaram 259 homens e 105 mulheres membros de igrejas pentecostais e não observaram sinal algum de distúrbio psicológico fora dos padrões geralmente aceitos [transe]. Pelo contrário, esse grupo manifestou até mais equilíbrio emocional do que a média da população. Falar que o pentecostal está mais

propenso ao condicionamento é mais uma manifestação de preconceito do que evidência empírica. Com isso, Siqueira, avança ao dizer que, em outras palavras, o êxtase [*ekstasis*] não despreza a razão; apenas reconhece que a razão não é absoluta, que ela não consegue responder a todos os dilemas humanos. E diz mais:

> Em outras palavras, o êxtase [*ekstasis*] é uma espécie de razão prazerosa ou razão experiencial, enquanto o transe é um inconsciente atordoado. No êxtase, a consciência não apenas está ligada a uma alegria intensa, mas também participa dessa experiência. No transe, a atenção e a consciência estão em um estado baixo, rarefeito e nebuloso. No êxtase, o que se sente é uma combinação simultânea de prazer e peso sempre intensos e imensuráveis. No transe, o que se tem é também uma sensação de prazer e peso, mas que gera confusão e falta de comunicação com a própria mente. O êxtase é como a sensação de paixão, enquanto o transe é como a sensação de delírio (Siqueira, 2023, p. 27, grifo nosso).

Como é possível perceber, tem-se a plena noção de que a posição teológica pentecostal brasileira foi (e ainda é) bastante influenciada pelo postulado do êxtase apresentado até aqui. Soares (2010, p. 48) argumenta mostrando a diferença entre êxtase [*ekstasis*] presente no profetismo de Israel antigo [ou seja, no nabiísmo] e o transe presente nas religiões pagãs animistas ao dizer que as Escrituras não tratam a profecia e o falar em línguas como um acontecimento de estado alterado da consciência, nem de uso de substâncias químicas [alucinógenas], tampouco de uso exagerado das emoções em um sentimentalismo caótico. Diferente dos cultos de mistérios do paganismo e das religiões animistas, o culto hebraico nunca conheceu oposição entre razão e emoção. Menos ainda, o enchimento do Espírito [Santo] se assemelha a um estado de descontrole. Não houve nos profetas [*nāviim*] hebreus auto-estimulação. Nenhum deles tomou a iniciativa de obter revelação, nem há indicação de que algum deles tenha perdido o controle das faculdades mentais e racionais [isso acontece no transe].

Eichrodt (2004, p. 278) observa que o êxtase não se restringia a uma mera suspensão da consciência comum, mas constituía uma experiência que habilitava muitos a transmitir mensagens em nome de Yahweh, revelando, assim, acesso a um conhecimento superior. Nesse sentido, o êxtase conferia ao indivíduo uma condição de portador de poderes extraordinários. O *nāvî'* passou a ser reconhecido como mensageiro por excelência, não apenas por sua intensa dedicação em louvor e invocação a Deus, mas também por atuar como porta-voz autorizado da vontade divina oculta.

Valorando ainda mais essa postura de um olhar positivo sobre o êxtase, Eichrodt (2004, p. 278), assertivamente, ainda nos aponta que desse modo, de um novo ponto de vista, o êxtase ultrapassou seu significado […] de vivência intensa de Deus (o benefício de uma vida intensa

na atmosfera divina) e foi considerado como serviço supremo ao povo de Deus, se convertendo assim o [*nāvî'*] no homem no qual reside a palavra de Yahweh (1Sm 28.6; 2Sm 16.23).

De acordo com Siqueira, alguns estudiosos vinculados ao protestantismo europeu moderno e ao pensamento iluminista interpretaram o nabiísmo como um fenômeno influenciado por práticas religiosas de povos vizinhos, caracterizado por movimentos corporais intensos e manifestações que qualificaram como transe descontrolado. Siqueira contesta essa leitura e argumenta que, nos relatos bíblicos, os profetas de Israel não aparecem associados ao consumo de alucinógenos ou à autoflagelação corporal, tampouco são descritos como participantes de um processo de alienação irracional e anti-institucional, conforme sua interpretação das diferenças entre o culto israelita e determinadas práticas religiosas antigas (Siqueira, 2023, p. 35).

Sob esse mesmo viés, Eichrodt, diz que se observou, e com razão, que para o costume israelita, era totalmente estranho um culto de excitação com ajuda de narcóticos ou de automortificações corporais [como era normal nos cultos das nações ímpias]. E, por isso, é falso argumentar, buscado na menção de tais práticas entre os cananeus (1Rs 18.28) ou no profetismo degenerado do período tardio (Is 28.7), que isso teria importância no profetismo antigo [ou seja, no nabiísmo]. Por outro lado, dispomos de dados suficientes sobre um elemento do culto israelita, que muito bem poderia dar lugar ao êxtase: a dança sagrada que era uma peça imprescindível da liturgia [...]. Naturalmente, essa dança cultual foi cultivada também pelos "*nāvîim*" [profetas] com especial esmero; com ela desempenhavam um papel importante o canto e a música, que contribuíam a uma maior animação e entusiasmo (Eichrodt, 2004, p. 276).

Eichrodt, falando sobre a forma cúltica dos nabiístas, destaca que "[…] no caso do Antigo Testamento, está perfeitamente documentado que a dança cultual seguia acompanhada de canto religioso (1Sm 6.5; Is 30.29; Sl 26.6s; 18.27s) e não temos razão alguma para fazer, neste sentido, uma exceção com a dança cultual dos profetas [*nāvîim*]" (2004, p. 276). Em outras palavras, o que o autor quer dizer é que entre os verdadeiros profetas "*nāvîim*", em seus cultos ao Senhor Deus, era comum a presença do louvor e da dança em forma de uma adoração espontânea, assim como aconteceu com Miriã, irmã de Moisés e os israelitas, depois da passagem do Mar vermelho, com o cântico de Moisés (Êx 15.20-22).

Eichrodt (2004, p. 277) relaciona a atividade profética a expressões de canto e invocação cultual. O autor menciona manifestações verbais que poderiam ser descritas como inarticuladas; entretanto, essa observação não permite identificá-las diretamente com a glossolalia neotestamentária. A aproximação deve permanecer hipotética e limitada ao caráter não

ordinário de certas expressões, pois os textos não oferecem elementos suficientes para demonstrar identidade linguística ou funcional.

Siqueira lembra, por sua vez, que muitos estudos sobre o nabiísmo refletiam os preconceitos sobre as manifestações extáticas como fenômenos ilógicos, irracionais e ingênuos nos quais era comum associar manifestações extáticas à supressão da razão e ao emocionalismo extremado. Ele prossegue argumentando que o nabiísmo demonstra a presença de fenômenos carismáticos, especialmente de elocuções extáticas, na literatura hebraica. Nessa perspectiva, profecia e glossolalia podem ser consideradas manifestações análogas em determinados aspectos, sobretudo por sua relação com a ação capacitadora do Espírito Santo. Essa aproximação, entretanto, não significa que sejam expressões sinônimas ou intercambiáveis, pois cada uma deve ser compreendida segundo seu contexto bíblico, sua forma de manifestação e sua função comunitária (Siqueira, 2023, p. 37).

Siqueira (2023, p. 37) sustenta que a profecia veterotestamentária apresentava características carismáticas e que algumas de suas manifestações podem ser comparadas, em aspectos formais, à glossolalia. Essa aproximação é relevante para a perspectiva pentecostal, mas precisa ser delimitada: a tradução de *nāḇî'* por *prophētēs* na Septuaginta não demonstra, por si mesma, equivalência entre a profecia israelita e a glossolalia. Trata-se de vocabulário relacionado à atividade profética, cuja função deve ser estabelecida pelo contexto de cada passagem.

Com efeito, nota-se que o reconhecimento do carisma divino estava na base da formação de grupos compostos por homens que desfrutavam dessa condição religiosa. Em alguns casos, o termo *nāvî'* referia-se a grupos de profetas [*nāvîim*] envolvidos em manifestações extáticas. Esses agrupamentos apresentam características carismáticas que permitem aproximações comparativas com determinadas experiências do pentecostalismo contemporâneo, sem que isso implique identidade histórica ou equivalência entre os grupos (Lima, 2012, p. 59).

Nesta mesma linha de pensamento, para Silva (2006, p. 58), o próprio verbo [*hitnabbe'*] que significa: "agir como profeta, exibir comportamento característico de um [*navî'*]", pode fazer referência a esse comportamento distinto dos profetas em Israel, incluindo aí, provavelmente, o próprio êxtase.

Siqueira (2023, p. 29–30) relaciona a orientação paulina de que "o espírito dos profetas está sujeito aos profetas" (1Co 14.32) à preservação da ordem no exercício dos dons. Fee (2019, p. 880), por sua vez, interpreta a expressão no contexto da responsabilidade dos participantes pela condução de sua fala profética. Essa leitura sustenta que a manifestação carismática deve

ocorrer de modo compatível com a edificação comunitária. A conclusão aqui é restrita ao argumento de 1 Coríntios 14 e não deve ser projetada automaticamente sobre todas as experiências descritas no Antigo Testamento.

Segundo Fee (2019, p. 880), a expressão “espírito dos profetas” significa “o espírito profético” pelo qual cada um deles fala por meio do seu espírito. Ou seja, a ideia é que as falas estão sujeitas a quem fala, no que diz respeito ao momento em que isso acontece, e o conteúdo é entendido como o produto do Espírito Divino que inspira tais falas. Sendo assim, o profeta escolhe quando e como transmitir a mensagem que recebeu, mas não é a fonte da mensagem, pois ela procede de Deus.

Silva (2006, p. 72) apresenta uma discussão textual relacionada à expressão “mão do Senhor” (yad YHWH) e a uma leitura alternativa associada a rûaḥ (“espírito”). Como este estudo não realizou consulta direta ao aparato crítico da Bíblia Hebraica Stuttgartensia nem colação dos manuscritos mencionados, a informação é registrada como dado atribuído à fonte secundária. Assim, não se afirma aqui que a variante esteja comprovada por exame independente, nem se utiliza essa leitura como fundamento decisivo para reconstruir a experiência de Eliseu. A interpretação do episódio deve apoiar-se prioritariamente no texto recebido e em sua análise contextual.

A análise permite reconhecer que as experiências extáticas ocupam lugar relevante em determinadas narrativas sobre os grupos proféticos. Contudo, não se deve concluir que todos os integrantes dessas comunidades apresentassem as mesmas manifestações ou que fossem uniformemente reconhecidos como “cheios do Espírito Santo” em todos os episódios. O alcance da afirmação deve permanecer vinculado aos textos e às interpretações bibliográficas efetivamente examinados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo analisar as manifestações extáticas presentes no nabiísmo do antigo Israel, investigando possíveis semelhanças fenomenológicas com a glossolalia descrita no Novo Testamento. A questão que orientou o estudo foi em que medida essas manifestações se aproximam em suas dimensões carismáticas, religiosas e teológicas, sem que se eliminem as particularidades históricas e literárias de cada corpus.

A análise bibliográfica e histórico-teológica permitiu compreender o nabiísmo como uma expressão relevante do profetismo israelita, associada, em determinadas narrativas, à

inspiração divina, a experiências coletivas, a expressões corporais e à comunicação profética. Os textos examinados, especialmente 1 Samuel 10.5–13 e 19.20–24, evidenciam manifestações extraordinárias vinculadas a grupos proféticos, mas não oferecem elementos suficientes para classificar toda fala ou comportamento descrito como glossolalia.

Quanto à distinção entre êxtase e transe, verificou-se que os termos recebem definições variadas na literatura consultada. Neste artigo, êxtase designa uma experiência religiosa intensa que não implica necessariamente perda de consciência; transe é empregado para descrever estados que podem envolver alteração da consciência e do controle voluntário. Essa distinção é operacional e deve ser lida à luz dos referenciais citados, não como consenso universal das ciências da religião ou da psicologia.

Em resposta ao problema de pesquisa, conclui-se que existem aproximações possíveis entre determinadas manifestações extáticas do nabiísmo e a glossolalia neotestamentária, sobretudo em quatro dimensões: fenomenológica, pela ocorrência de experiências extraordinárias e expressões verbais não ordinárias; pneumatológica, pela atribuição da manifestação à ação divina; comunicativa, por sua relação com a expressão religiosa; e comunitária e litúrgica, por sua inserção em grupos e reuniões de culto. Essas aproximações, porém, são parciais. A profecia israelita e a glossolalia cristã não são fenômenos intercambiáveis: em 1 Coríntios 12–14, Paulo distingue línguas e profecia e enfatiza interpretação, edificação e ordem comunitária.

Sob a perspectiva teológica pentecostal, o estudo identifica no nabiísmo elementos relevantes para refletir sobre a atuação do Espírito de Deus na história bíblica. Essa leitura permite estabelecer continuidade teológica quanto à iniciativa divina e à capacitação carismática, mas não autoriza afirmar identidade entre as formas históricas de manifestação. A continuidade pneumatológica deve ser articulada com a descontinuidade dos contextos, das funções e das formas de expressão descritas nos textos.

A investigação apresenta limitações que precisam ser consideradas. Por ser bibliográfica e estar fundamentada no acervo físico e pessoal do pesquisador, não corresponde a uma revisão sistemática da literatura nem pretende esgotar o debate histórico, linguístico, antropológico e teológico. O corpus bíblico foi delimitado a passagens consideradas pertinentes ao problema, sem abranger todas as ocorrências de profecia no Antigo Testamento ou de glossolalia no Novo Testamento. Além disso, algumas posições de pesquisadores são conhecidas por meio de citações indiretas, e a discussão de variantes textuais foi mantida no nível da bibliografia secundária, sem colação independente de manuscritos ou exame autônomo de aparatos críticos.

Por essas razões, os resultados devem ser entendidos como uma interpretação histórico-teológica delimitada.

Pesquisas futuras poderão aprofundar a comparação por meio de estudos específicos do vocabulário hebraico e grego relacionado ao profetismo, à experiência extática e à glossolalia, com consulta direta a léxicos, edições críticas e aparatos textuais. Também se mostra pertinente ampliar o diálogo com estudos de história das religiões, antropologia da religião e linguística, examinando criticamente tanto as interpretações confessionais quanto as abordagens histórico-comparativas. Outra possibilidade consiste em investigar, em corpus delimitados, as funções comunitárias e litúrgicas das manifestações carismáticas no Antigo e no Novo Testamento.

Conclui-se, portanto, que o nabiísmo constitui um fenômeno relevante para a compreensão das experiências carismáticas no antigo Israel e oferece elementos para um diálogo teológico com as manifestações descritas no Novo Testamento. A comparação com a glossolalia é produtiva quando reconhece analogias fenomenológicas e pneumatológicas, mas preserva as diferenças históricas, comunicativas e comunitárias entre os fenômenos. Desse modo, o estudo contribui para a reflexão sobre profecia, êxtase e glossolalia sem transformar semelhança em identidade.

REFERÊNCIAS

EICHRODT, Walther. Teologia do Antigo Testamento. [Tradução de Cláudio J. A. Rodrigues]. 1ª ed. São Paulo: Hagnos, 2004.
FEE, Gordon D. *1 Coríntios: Comentário Exegético*. 1ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2019.
FORMICKI, Leandro. *A profecia e a glossolalia como fenômenos extáticos*. REFLEXUS - Revista de Teologia e Ciências das Religiões. Ano IX, n. 14, 2015/2.
FORMICKI, Leandro. *Profecia, Glossolalia e Entusiasmo Carismático no Cristianismo Primitivo do Primeiro Século: Uma Análise Exegética de 1Coríntios 12-14:1-25*. 1ª ed. São Paulo: Editora Reflexão, 2018.
GÓMEZ, Jesús Álvarez. *Historia de la vida religiosa*. v. 1: Desde los orígenes hasta la reforma cluniacense. Madrid: Publicaciones Claretianas; Instituto Teológico de Vida Religiosa, 1987.
GONZÁLEZ A.; LOHFINK, N.; VON RAD, G. *Verdadeiros profetas, falsos profetas*. 1ª ed. Salamanca, Espanha: Editora Sígueme, 1976.
HORTON, Michael. *Redescobrindo o Espírito Santo*. 1ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2018.
HORTON, Stanley [Editor]. *Teologia sistemática: uma perspectiva Pentecostal*. 10ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.
LIMA, Maria de Lourdes Corrêa. *Mensageiros de Deus: profetas e profecias no Antigo Israel*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; São Paulo: Editora Reflexão, 2012.
MENZIES, Robert P. *Pentecostes: Essa História é a nossa História*. 1ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2016.
MENZIES, Robert P. *Línguas evidenciais: um ensaio sobre o método teológico*. In: McGEE, Gary (org.). Evidência inicial. Natal: Editora Carisma, 2018.

POMMERENING, Claiton Ivan. *Oralidade e escrita na teologia pentecostal: acertos, riscos e possibilidades*. 2008. Dissertação (Mestrado) – IEPG, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, Rio Grande do Sul.
POMMERENING, Claiton Ivan. *Pentecostalidade e Pentecostalismo: Fatores de Crescimento Associados à Oralidade*. Azusa – Revista de Estudos Pentecostais. v. 2 n. 1, 2011.
ROSA, Luiz da. *De Baal a Yhwh: ensaio sobre a religião de Israel*. Revista Eclesiástica Brasileira, Petrópolis, v. 63, n. 249, p. 47–66, 2003.
SILVA, Severino Pedro da. *A Existência e a Pessoa do Espírito Santo: O Espírito Santo é um Ser Real que Age e Vive Entre Nós*. 1ª ed. 4ª impr. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.
SIQUEIRA, Gutierres Fernandes. *Pneumatologia: Uma Perspectiva Pentecostal*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2023.
SIQUEIRA, Gutierres Fernandes. *Revestidos de Poder: Uma Introdução À Teologia Pentecostal*. 1ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.
SOARES, Esequias. *O Ministério Profético na Bíblia: A voz de Deus na terra*. 1ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.
STAMPS, Donald Carrel [Editor geral]. *Bíblia de Estudo Pentecostal: Antigo e Novo Testamento*. [Comissão Editorial: Stanley M. Horton; William M. Menzies; French Arrington; Robert Shank; Roger Stronstad, Richard Waters; Roy L. H. Winbush]. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.
TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. 5ª ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005.
VON RAD, Gerhard. *A ação de Deus em Israel*. 1ª ed. Madri, Espanha: Editora Trotta, 1996.
VON RAD, Gerhard. *Estudos sobre o Antigo Testamento*. 1ª ed. Salamanca, Espanha: Editora Sígueme, 1976.
VON RAD, Gerhard. *Teologia do Antigo Testamento. Volumes 1 e 2.* [Tradução de Francisco Catão]. 2ª ed. São Paulo: Aste/Targumim, 2006.
WILLIAMS, J. Rodman. *Teologia Sistemática: Uma Perspectiva Pentecostal*. 1ª ed. São Paulo: Vida, 2011.
WILSON, Robert R. *Profecia e Sociedade no Antigo Israel*. [Tradução de João Rezende Costa]. 2ª ed. rev. São Paulo: Targumim; Paulus, 1987.